

Não há transmissão de Covid-19 nas escolas da Região

As situações identificadas até ao momento têm origem no contexto familiar ou social, portanto fora do ambiente escolar

MARCO LIVRAMENTO
mlivramento@dnoticias.pt

O aumento de casos de Covid-19 entre os alunos e os professores das escolas da Região tem feito crer que há transmissão em ambiente escolar, mas as situações até agora reportadas derivam de infeções contraídas na comunidade exterior à escola, sobretudo em ambiente familiar.

Portanto, a ideia de que as escolas da Madeira são, neste momento, um foco de infeção do novo coronavírus não corresponde à realidade. Isso mesmo defende Maurício Melim, responsável pela Unidade de Emergência de Saúde Pública. “Alguns professores, alunos e trabalhadores têm contraído a infeção em ambiente familiar/social e quando essas situações são identificadas os próprios comunicam à sua Escola que activam os seus planos de contingência”.

O especialista em saúde pública acrescenta que “tem acontecido muitas vezes que os referidos elementos da comunidade escolar, não têm testado positivo, mas existe alguém próximo no agregado familiar que tem resultado do teste Covid-19 positivo e os professores, alunos ou trabalhadores das escolas ficam em isolamento profilático, por serem contactos de alto risco de exposição”. Estas situações “têm levado, muitas vezes, a falsas interpretações, ou seja, passa-se a ideia que estas pessoas são positivas por estarem em confinamento, quando na realidade são contactos de alto risco de exposição, mas sem



Há 13 alunos e 3 professores da Região infectados com o novo coronavírus. São 22 as escolas com plano de contingência activo.

terem o teste positivo”, esclarece Maurício Melim.

A existência de transmissão nas escolas, quando existente, está relacionada com a transmissão comunitária activa, aspecto que tem sido colocado de parte, pelo menos para já, não só pelas autoridades de saúde regionais, mas também pelo próprio presidente do Governo Regional.

“Se houver uma elevada propagação do vírus em ambiente escolar, em empresas, em ERPI/estrutura residencial para idosos, e em eventos, ou seja, se ocorrerem muitos surtos, existe a probabilidade de termos transmissão comunitária activa, o que felizmente ainda não aconteceu”, assume o médico.

As palavras de Maurício Melim estão, de resto, em linha com o que Hans Kluge, director regional da Organização Mundial de Saúde (OMS) para a Europa, dizia em finais de Agosto, nas vésperas do início de mais um ano lectivo, em que a sociedade temia o efeito negativo que as escolas podiam ter nos números da pandemia. Ainda assim, o papel das crianças na transmissão da nova doença tem vindo a tornar-se cada vez mais evidente.

“Até agora, sabemos que o ambiente escolar não é um factor principal na pandemia. Mas cada vez há mais publicações que reforçam a



“Até ao presente momento, não existe uma única transmissão em ambiente escolar”

MAURÍCIO MELIM

Responsável pela Unidade de Emergência de Saúde Pública

evidência de que as crianças têm um papel na transmissão, ainda que mais vinculado a reuniões sociais”, defendia Kluge.

Desta forma, a capacidade das escolas enquanto potenciais propagadoras do vírus não pode ser dissociada do nível de contágio que exista na comunidade em que as mesmas se inserem.

Fecho de escolas só em situações excepcionais

Embora sejam muitas as vozes que pedem o encerramento dos estabelecimentos de ensino, à semelhança do que aconteceu no início da primeira vaga da pandemia, que na Madeira teve repercussões, sobretudo, entre Março e Junho, essa não deverá ser uma orientação a seguir pelas autoridades.

Na opinião de Maurício Melim, “só se justifica encerrar um estabelecimento, seja ele qual for, em circunstâncias muito excepcionais, tendo em atenção as características da população alvo, o ambiente envolvente e os recursos disponíveis”.

Relembramos, uma vez mais, a opinião de Hans Kluge, que alertava para a ligação intrínseca entre o funcionamento das escolas e o retomar das actividades económicas. “O que sabemos é que não podemos abrir as sociedades sem abrir as escolas pri-

meiro. Este foi o maior transtorno na história da educação, com 1.600 milhões de alunos afectados, em 190 países”, afirmou. Neste número estavam incluídos os mais 42 mil alunos das escolas da Madeira.

Na eventualidade de um surto nas escolas, Maurício Melim não coloca de parte a eficácia dos testes rápidos de antígeno, já que quando “de qualidade comprovada, se bem utilizados, isto é, se usados com rigor, podem constituir uma boa estratégia para rastrear os surtos”.

Na opinião deste médico, “as crianças e os adultos que não cumprem as regras para mitigar a propagação da Covid-19, designadamente, o afastamento social, o uso da má-

scara e a etiqueta respiratória, estão a ter um péssimo desempenho na prevenção da doença”, sendo importante que todas as pessoas, mesmo assintomáticas cumpram com estes preceitos.

Além disso, devem ser evitados os ajuntamentos e as viagens devem limitar-se ao estritamente necessário. E “se viajarem para fora da RAM, no regresso, façam um confinamento de 14 dias, ou de pelo menos de 7 dias. A evidência científica tem demonstrado que mesmo os portadores do vírus assintomáticos podem transmitir a doença, 2,5 dias antes de apresentarem qualquer sintoma”.

In “*Diário de Notícias*”